
A Crise do Século XX

Ana Lúcia Guedes Pinto
Dirce Djanira Pacheco*

KUJAWSKI, Gilberto de Mello.
A Crise do Século XX.
São Paulo, Ática, 1988, 207p.

No final do século XIX e nos primórdios do século XX, um período de expectativas e de mudanças essenciais começa a ocorrer em todo o mundo. O anseio pelo progresso, o nível de vida médio das pessoas subindo e democratizando-se... inventos fantásticos se concretizam e multiplicam-se: o automóvel, a luz elétrica, a comunicação se alastra, a vida pública se expande, enfim: a humanidade respira e delira com as realizações do homem que são cada vez mais amplas e cada vez mais transformadoras. É a febre da modernidade. Esperava-se que a tranquilidade e a segurança viessem junto com essas inovações, mas percebeu-se que estávamos enganados. Este progresso desmistificou-se (será mesmo?) e vislumbrou-se uma incerteza, um desequilíbrio na vida da humanidade. De repente as informações voam com uma rapidez absurda, nossa privacidade é invadida, nossas certezas são abaladas e postas em xeque. Em que acreditar?

É aqui que achamos interessante lembrar o que diz Hannah Arendt (1) a respeito da invasão da privacidade das pessoas nos tempos atuais, onde a vida privada passa a ser cada vez mais pública e o limite entre ambas se dilui mais e mais, gerando uma tremenda insegurança às pessoas.

Defrontamo-nos então com uma crise à qual o autor chama de crise do século XX, que estamos sofrendo no nosso âmago e com dificuldades de superá-la, sendo que é difícil até defini-la. Surge um impasse...

A partir daí Kujawski tenta definir ou apenas entender (diante de tanta

confusão) o que seria o “depois da modernidade” (o pós-moderno). Pensamos que o autor, quando trabalha essa idéia, tenta ele mesmo se situar, numa necessidade de tentar definir as coisas, para dar um passo à frente. Percebemos que esse pós-moderno é algo indefinível ainda, será que existe limite entre a modernidade e o pós-moderno? O que é esse pós-moderno? Achamos que isso fica a cargo de cada um de nós para clarificar ou confundir ainda mais nossas cabeças, já tão perturbadas diante dessa realidade tão mutante e indefinível.

O autor trata também da quebra que o homem faz com o utopismo que impregnava a modernidade, pois ele exigia que a realidade fosse transformável pelo homem, que essa transformação se desse sempre para melhor e que este “melhor” estivesse no futuro e sempre por ser atingido. O homem moderno se cansa de esperar e decide ser feliz aqui e agora, dessa forma ele rompe com aquilo que vinha fundamentando ou influenciando sua vida até então, mas não cria novos padrões. A vida que deveria ter vistas ao futuro, agora está ameaçada de projetar-se no vazio por lhe faltar radicação no presente e no passado. É então que ele percebe que não consegue viver sem utopia, e que a solução é redefini-la, pois o homem é ser utópico e o que é condenável não é o utopismo, mas o radicalismo no mesmo.

É alarmante quando Kujawski localiza melhor essa crise pela qual passamos, que afeta a nossa base, nosso ali-cerce de vida: nosso cotidiano. Essa crise tão geral que afeta a todos (entendemos todos aqui como humanidade), não é só de ordem econômica, política, social, geral, global... antes de tudo ela perpassa no que há de mais íntimo de nossa vida, ela está no nosso dia-a-dia, na nossa essência de vivermos. O coti-

(1) Graduandas em Pedagogia, Faculdade de Educação, Unicamp.

diano nos possibilita prosseguirmos em nossos planos e nos permite retornarmos, se quisermos. O cotidiano é nosso referencial. Através dele reconhecemos nossa circunstância, aprendemos nosso tempo e espaço. Ele seria como nossa identidade, nosso “porto seguro” no desenrolar de nossos projetos e anseios. E essa crise veio afetar esse lado tão nosso!... Com o desenvolvimento da ciência e tecnologia, com a informática, imprensa, tudo nos passa voando, rápido, nosso cotidiano é alterado num piscar de olhos, tudo agora é público, sabido, escrachado, a qualquer momento, nessa vida cósmica e terrestre, ele se deteriorará, será dilacerado e então nos veremos meio perdidos, perdendo o chão — a quebra da tradição faz com que percamos nossa única forma de nos preservarmos. Nosso tempo e espaço estão sendo roubados... está sendo cada vez mais difícil nos constituirmos como gente, como indivíduo — com a massificação das informações, dos valores, nós nos perdemos no coletivo, não temos nosso eu, este ficou diluído no todo.

Arendt (1) coloca que no mundo público, comum a todos, as pessoas, são levadas em conta, e assim também o trabalho, isto é, o trabalho de nossas mãos com que cada pessoa contribui para com o mundo comum; porém a vida enquanto *vida* não interessa aí, pois para ela privacidade equivale à segurança humana.

Com o nosso cotidiano sendo tão “atacado”, formas elementares de nossa vida, como: habitar, trabalhar, comer, conversar e passear, passaram a ser ações mecânicas, rápidas, onde o prazer de fazê-las quase não existe mais. A mentalidade do “ter pressa”, “estou atrasado” foi tão influenciada pelo progresso, pela tecnologia, que até elementos tão fundamentais como estes deixaram de ter razão para nós.

Kujawski tenta definir crise e traz uma série de definições de vários autores. Percebe que há várias interpretações, mas chega a uma certa conclusão:

crise tem a ver com ruptura, conflito, desconformidade com o já estabelecido e que em outro momento pode se desenrolar como o início de um processo que pode ser renovador — crise, então, pode ser algo que parece quebra total, mas por outro lado pode ser o início de algo novo, uma nova construção. Dessa forma, o conceito de crise está ligado ao de processo, gerando a possibilidade de se construir algo novo.

Com todas as nossas formas de vida colocadas em xeque, com nosso cotidiano despersonalizado, nosso ser individual (que seria nossa autenticidade), quando passa a ser socializado, perde sua autenticidade, pois ele socializa-se num social não autêntico, num social falseado, sem bases fortes, tanto que as gerações novas são recebidas pelas velhas gerações de modo passivo e automático, sem saber como recriá-las, inová-las.

Mais uma vez citamos Arendt (1), pois ela nos alerta para a crise da autoridade tanto política como educacional que está ligada à falta de responsabilidade das pessoas em face do mundo, dos adultos diante das crianças e aos jovens que começam a relacionar-se com um mundo adulto e velho.

O autor tenta nos explicar porque esta crise é *sui generis* e não tem a ver com as crises anteriores da história. É porque nas crises anteriores (crise da Idade Média, Império Romano), a humanidade tinha pela frente um mundo intransformável, que parecia fechado. Agora nos deparamos com um mundo totalmente maleável, sem definições, imprevisível, correndo o risco até, com sua transformação, de nos engolir e determinar.

Kujawski passa bastante tempo discutindo sobre a nossa situação ser realmente de crise, de decadência. Ele percebe que há até algumas características comuns entre ambas, mas chega à conclusão de que até a Europa pode estar em decadência, mas o Ocidente não, pois este tem uma potencialidade fantástica e que nunca se poderia dizer

que estivesse em processo de decadência.

Conclui que não estamos em decadência, aliás a história do Ocidente mostra que ele sofre um processo de equilíbrio instável onde processos de crise são normais, faz parte do seu próprio ciclo e que não vai desembocar em decadência. Afinal, como falar em decadência se a história nos mostra que os processos são dinâmicos, dialéticos, onde é normal haver crises, declínios, pois é necessário até a superação, a volta por cima, a própria necessidade do homem de se superar, de criar, de sair do marasmo, de inventar. Nenhum processo é uma linha reta, ele implica oscilações para cima e para baixo. Caso ele esteja em curva descendente é porque pode estar tomando impulso para uma nova ascensão. Que crise é essa?

O autor coloca que nós estamos num “sistema de usos”, de vigência onde nós perdemos identidade. Fazemos e exercitamos usos que são determinados e esperados por todos. Vivemos num mundo de vigência, de crenças que são a base de nossa vida, o terreno sobre o qual a erguemos e onde apreendemos a realidade.

Essas crenças básicas estão abaladas por essa crise, estão sendo totalmente enfraquecidas. Ele coloca que as crenças básicas são: nação, razão, ciência, técnicas, progresso, revolução e paixão, e que todas elas estão num impasse, sem prestígio. Daí a gravidade da nossa crise.

Mais adiante é trabalhada a idéia de que com o progresso da ciência, com o desenvolvimento da tecnologia, informática, imprensa, comunicação... nossa mentalidade foi bastante alterada, sendo nosso denominador comum (nosso objetivo) a eficácia. Tudo rápido, tudo se legitima se for eficaz e daí, como essa mentalidade acaba com a nossa legitimidade anterior, da nossa tradição, das nossas crenças básicas de vida. Entram em choque — legitimidade X eficácia.

Ele insiste muito no ponto de que,

com a modernidade, todas as coisas foram a tal ponto desenvolvidas que atropelaram e ultrapassaram o estágio de desenvolvimento do homem, passando por cima da moral, do comportamento humano, alterando sua lógica e tradição. Ou seja, o “motor” do homem mudou.

“A legitimidade pela eficácia, no Ocidente, nunca se manifesta de forma nua e crua, e sim revestida pelo céu da tradição, que é fonte de toda legitimidade” (p. 142).

Pela eficácia e para a eficácia, ocorreu a desumanização do mundo, o desenvolvimento tecnológico nos engoliu, determinando até nossa forma de viver e fazer. Nossas crenças básicas, as paixões que movem o homem, tudo está em crise, com sua identidade perdida, com sua meta “bagunçada”, numa confusão generalizada. Falta uma base sólida em que se acreditar, pois as crenças perderam sua credibilidade. E o ar que o fim do século XX nos traz é de violência — onde a violência aflora. Para o autor, “Toda violência física contra a pessoa é de ordem moral, porque não tem por objeto o corpo do outro e sim sua liberdade” (p. 147).

Apesar de todas essas constatações que o autor faz a respeito da crise do século XX, ele assume, porém, uma postura otimista, querendo nos mostrar que temos chances e saídas para essa crise: “Pensar é o mínimo que se pode tentar, quando tudo o mais é impossível. Ao pensar, o homem começa a produzir idéias, e elas acabam configurando mundos que vão se superpor aos vazios nas crenças em desagregação... O vazio das crenças... é o lugar vital onde as idéias se inserem” (p. 150). “Ao caírem no ‘uso’ social, as idéias se transformam em crenças. Toda crença foi antes uma idéia” (p. 151).

Ele quer mostrar que, com todas as rupturas com as quais o homem tem se defrontado, o caminho natural dele é a busca incessante de sua razão, pois ela é uma das crenças básicas que o sustentam e procurá-la é uma forma de resis-

tir e de lutar. Através da história, ele vai mostrando como que outras crenças (como a razão) também já sofreram processos de crise, foram retomadas, redefinidas... Historicamente, muito já se discutiu e se transformou.

Kujawski fala em “nova idéia da razão” — que é justo nos períodos de crise que ela floresce, pois o homem não sabe onde se ater. Razão: é a mola-mestra da vida humana, então a necessidade de querer defini-la e entendê-la.

Uma colocação muito séria feita por ele é a de que o tempo e o espaço nosso, foram desapropriados pela técnica e eficácia. Dessa forma ficamos livres, totalmente soltos, sem nosso referencial, sem nossa propriedade vital que é o tempo e espaço. Com a robotização e a automatização, nosso subjetivo, nossa essência estão sendo realmente atacados de frente. O desenvolvimento tecnológico passa por cima de nossas necessidades e anseios.

Parece que, no decorrer do texto, Kujawski busca a razão, uma procura árdua e insistente. Esta parece ser, para ele, o ponto de equilíbrio, a energia vital de toda a essência da vida humana.

Segundo ele, urge achar um equilíbrio: é necessária uma *moderação*. Ele retoma as crenças básicas e vitais do homem e as reescreve, recoloca-as de uma forma mais moderada, dando saídas, soluções, chegando a um bom senso.

Não concordamos com o conceito de revolução que ele coloca. Parece ter pânico a essa idéia e que se defende dela o tempo todo.

Após tantas dissertações acerca de crise e tantos outros aspectos de nossa vida, o autor volta-se para um assunto mais próximo a nós, ou seja, a situação do Brasil na crise. Ele diz que a crise do Brasil é tríplice, pois é a crise do século XX que é mundial, a crise da América Latina e a crise nacional.

Analisando primeiramente a crise da América Latina, diz que a solução da mesma se encontra na solução das crises nacionais latino-americanas. É

“duro” ao dizer que a América Latina é “falsamente moderna” e que com a independência dos países, houve a implantação das idéias modernas e que isso se deu de forma empobrecida por falta de pressupostos de ordem histórica e cultural. Enfim, para ele, a causa da crise latina está no fato de que ela industrializou-se sem modernizar-se, pois lhe faltava os pressupostos necessários para haver a modernização. Saliência que a industrialização maciça da América Latina trouxe desequilíbrios estruturais tanto social (êxodo rural) como politicamente (ascensão do populismo, retardando o amadurecimento democrático). Esse desequilíbrio político gerou a intervenção militar em vários governos, acabando por levar-nos a um quadro de regimes ditatoriais durante vários anos na maioria dos países latinos.

Mas, para ele, o maior problema da crise latina está no fato de que os países se isolaram quando “a verdade histórica é que nenhum país se desenvolve sozinho” (p. 200). E, em isolar-se, o Brasil é “mestre”, pois o que notamos é que ele não se julga muitas vezes um país latino, haja vista o noticiário internacional que sua imprensa apresenta, onde a maioria das notícias são de países europeus ou dos EUA. Enquanto não nos conscientizarmos de que fazemos parte da América Latina e que os problemas apresentados pelos outros países latinos são também os vividos pelo nosso país, e se não deixarmos de “dar uma de gostosos”, não conseguiremos união alguma. É essa “ampla e estreita integração, latino-americana” que o autor apresenta como solução para esta crise.

Diante de todo esse quadro de crise, Kujawski ainda mostra e passa uma mensagem de otimismo ao dizer que o Brasil está em crise antes mesmo da República, mas que vamos sair dela porque o povo brasileiro assim o quer, devido à vitalidade nacional, à nossa tremenda vontade de viver.